

CADEIA DE PRODUÇÃO E ALTERNATIVAS AGRÍCOLAS

Guardiões de sementes e da história

Luciana Radicione
luciana@jornaldocomercio.com.br

Sementes crioulas carregam muito mais do que potencial produtivo para diversas finalidades: do artesanato à culinária é a tradição desses insumos que têm um peso fundamental tanto para a pequena agricultura como para a ciência. Foi pensando em garantir a continuidade dessa produção e evitar sua extinção que um grupo de profissionais arregaçou as mangas em 2015 para iniciar um projeto que permitisse a manutenção da história, da tradição e da fonte de renda de pequenos agricultores, muitos de regiões longínquas do Estado.

A iniciativa veio do Núcleo de Estudos em Agroecologia NEA/CNPq Gaia Centro Sul (Grupo Gaia) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), fruto do anseio de acadêmicos do curso de Agronomia em desenvolver ações que contribuíssem para a sustentabilidade ambiental, social e econômica de pequenas comunidades. Em 2015, já formalizado como sociedade cultural e técnico-científica sem fins lucrativos, o Gaia criou um

Banco de Sementes Crioulas onde os agricultores pegam emprestado do banco uma quantidade "x" de sementes e devolvem em dobro (ou mais) tempos depois. "Nada envolve dinheiro, é somente troca, empréstimo e doação", destaca a agrônoma Janaína Bernardo, coordenadora do Grupo Gaia e professora em Fitopatologia da Uergs. Segundo ela, o banco funciona como um facilitador e promotor do resgate das sementes crioulas, trabalha em fluxo contínuo de chegada e saída desses insumos, pois ficam em poder de agricultores e agricultoras, os chamados guardiões de sementes.

Bulbos e raízes como milhos: cunha, dente de cão, cateto branco, milho ferro; feijões: sopinha, mouro, 7 cores, banana preto; mandioca "pronta mesa", melancia amarela, arroz periquito, abóbora menina, couve de porco, melão croá e muitas outras – são cerca de 200 tipos diferentes de sementes que estão sob o guarda-chuva dessa iniciativa que coloca a história e o conhecimento dos agricultores mais antigos para os tempos atuais. Hoje são aproximadamente 40 famílias cadastradas no Banco de Sementes, e



Janaína Bernardo (segunda da direita para a esquerda) evita que sementes se percam na agricultura

a Banca do Gaia conta com diversas parcerias que incluem Emater-RS e sindicatos rurais para levar o sistema de doação-empréstimo-troca às feiras de agricultura locais.

"Esse trabalho vem no intuito de evitar que essas sementes se percam diante da nova agricultura, que com seu avanço permitiu que essa preservação familiar fosse cada vez menos incentivada", conta Janaína. Segundo ela, no mundo todo vem ocorrendo uma perda bastante acelerada das sementes crioulas, mesmo diante da realidade que elas são de grande importância para o desenvolvimento de novas variedades com resistência a múltiplos fins. "Quando um cientista vai desenvolver uma variedade resistente é

a genética da semente crioula que ele acessa", destaca a professora, lembrando que o trabalho do Gaia/Uergs tem o sentido do incentivo à preservação e à multiplicação das sementes, mas, segundo ela, para o agricultor essa preservação não é feita com os olhos voltados para a ciência, mas para a sua própria história de vida. "Eles são apaixonados por essas sementes que são a história da família deles. E são eles que realmente entendem de sementes crioulas, pois nos passam constantemente muito conhecimento", relata a professora da Uergs.

No ano passado, o projeto "Agroecologia para Guardiões de Sementes Crioulas da Região Centro Sul do Rio Grande do Sul"

foi contemplado com recursos do CNPq no valor de R\$ 119 mil, o que permitiu a intensificação do apoio aos guardiões com ações que incluíram a análise de qualidade de sementes de centros de troca, curso multidisciplinar de agroecologia à distância, publicação de cartilhas agroecológicas, entre outras ações. Também está sendo criada a Casa de Sementes, em Paraíso do Sul, na propriedade um produtor guardião que já é considerado uma liderança local. Lá o sistema será o mesmo do Banco Gaia.

A projeção apresentada por Janaína é de que até o final do projeto, em janeiro de 2022, o público atingido pela iniciativa seja de 5 mil pessoas.

CADEIA DE PRODUÇÃO E ALTERNATIVAS AGRÍCOLAS

Falta de grãos é o principal desafio para a produção animal do RS

João Pedro Rodrigues
economia@jornaldocomercio.com.br

A falta de milho no Rio Grande do Sul tem sido um dos grandes desafios para a produção animal nos últimos anos. Problemas como a falta de chuva, que desde 2019 afeta significativamente a colheita do Estado, têm prejudicado a cadeia produtiva como um todo, condicionando produtores a optarem pela importação de itens que faltam no mercado interno.

Somente nos seis primeiros meses deste ano, por exemplo, foram importadas 140,3 mil toneladas de milho, considerado o principal componente da ração animal. A quantidade adquirida equivale a um total de US\$ 30,6 milhões. Já o trigo foi o cereal mais importado, com valor investido de US\$ 40,9 milhões em 140,3 mil toneladas do grão.

Para além da estiagem em si, a falta de políticas públicas para a garantia do bom desempenho da produção agropecuária, mesmo em períodos prejudiciais às diferentes culturas, é um dos grandes pontos negativos do setor. É isso o que acredita Sergio Luiz Vieira, professor titular do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), instituição em que atua como docente, pesquisador e extensionista desde 1993.

Para ele, faltam ao Rio Grande do Sul políticas que se atentem a duas principais questões do segmento: a irrigação para a produção do milho e a produção dos chamados grãos de inverno, como trigo e cevada, que poderiam ajudar a sustentar o setor de proteína animal. "A cultura do milho sofre com as oscilações hídricas no verão. O cereal tem um ciclo mais longo, portanto sofre

o risco da falta de água", explica.

Para compensar esta dificuldade, a criação de mais sistemas de irrigação surge como uma alternativa necessária. Hoje, já são 100 mil hectares irrigados no Estado, porém, este número, segundo Vieira, ainda é insuficiente para manter a produtividade. Para ele, se o Rio Grande do Sul tivesse cerca de 500 mil hectares onde o sistema fosse utilizado, não haveria problemas de fornecimento de grãos.

Diante disso, o professor destaca o Programa Estadual de Irrigação (Pró-Irrigação/RS), instituído em 2008, como uma das políticas a se atentar a este ponto. A ideia era possibilitar o investimento de recursos orçamentários do Estado em micro açudes e cisternas em propriedades rurais de pequeno e médio portes. "Hoje, isso poderia estar beneficiando o Rio Grande do Sul com



Sergio Luiz Vieira é professor do Departamento de Zootecnia da Ufrgs

um grande aumento na produção e nos investimentos, mas, infelizmente, foi interrompido", lamenta.

Com um histórico de contribuições ao conhecimento científico e tecnológico na área de avicultura, já

tendo publicado mais de 120 trabalhos, o professor enaltece a estrutura fundiária do Rio Grande do Sul. Na sua visão, o Estado possui profissionais de excelente formação, que estão entre os melhores do Brasil.

DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA UFRGS/DIVULGAÇÃO/JC